

A MORTE SOCIAL EM A CIDADE, O INQUISIDOR E OS ORDINÁRIOS, DE CARLOS DE BRITO E MELLO

YASMIN DE OLIVEIRA GUIDOTTI¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹*Universidade Federal de Pelotas – yasminguidottis@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@outlook.com*

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais, os romances contemporâneos da literatura brasileira abordam, com uma certa frequência, de forma explícita ou implícita, temáticas que tangem o urbano, enfatizando o impacto físico, mental, social, individual e coletivo que existir em um mundo marcado pelo excesso de positividade causa nos sujeitos e na organização dessas sociedades, fictícias ou não. As inquietudes presentes nessas obras podem ser observadas no cotidiano brasileiro. Nesse sentido, CANDIDO (2000) defende que é possível perceber um movimento dialético entre a arte e a sociedade fazendo com que ambas atuem em um enorme sistema solidário de influências recíprocas.

É nesse eixo temático em que podemos situar *A cidade, o inquisidor e os ordinários*, do autor mineiro Carlos de Brito e Mello, publicado no ano de 2013. A obra é ambientada em uma cidade pequena, local em que acontece uma inquisição contra os intitulados “bobos”. Tal movimento é formado por três figuras principais (Decoroso, Olheirento e Apregoador) e conta com o aval dos moradores da cidade. O conceito de “bobo” adotado na obra diz respeito às pessoas que vivem uma espécie de vida “vegetativa”, ou seja, fogem do convívio social, evitam os outros humanos, abdicam de trabalhar e estudar.

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise da obra, tomando essa narrativa como simbólica relativamente ao aspecto da morte. Essa abordagem do simbólico será feita com base nos escritos de BENJAMIN (1984) e PEREIRA (2017). Outra conceituação importante é acerca da morte enquanto um elemento simbólico; para isso, serão utilizados os estudos de CIRLOT (1962) e CHEVALIER; GHEERBRANT (2001). Para além disso, também busca-se discutir de que modo as inquietudes de um mundo marcado pelo excesso de positividade refletem no cotidiano e na identidade dos personagens, que habitam essa cidade fictícia criada pelo autor, trazendo o enfoque para o comportamento dos intitulados “bobos”. Essa análise será realizada com apoio nos escritos de HAN (2015).

2. METODOLOGIA

Este resumo expandido é o recorte de uma ideia inicial de proposta de projeto de pesquisa de dissertação, que buscava analisar os dois únicos romances publicados por Carlos de Brito e Mello. Uma escolha autoral e temática, porém, fez com que a obra analisada neste trabalho fosse descartada da bibliografia literária principal da dissertação de mestrado em andamento. A modalidade de pesquisa adotada na realização deste resumo é bibliográfica, qualitativa e tem como objetivo realizar uma leitura da obra *A cidade, o inquisidor e os ordinários*, tomando o aspecto da morte como simbólico e analisando de que modo o cansaço causado pelo excesso de positividade afeta os moradores da

cidade criada pelo autor, focando nos personagens que ao longo da narrativa são chamados de “bobos”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A morte é um tema que aparece frequentemente nas obras de Carlos de Brito e Mello, o autor, que publicou ao todo quatro livros. Ele aborda o tema da morte em três dessas: *O cadáver ri dos seus despojos* (2007), *A Passagem Tensa dos Corpos* (2009) e *A cidade, o inquisidor e os ordinários* (2013). O único que escapou da temática fúnebre foi o livro infantil que ele publicou em parceria com sua esposa. Diferente das outras duas obras citadas, porém, em *A cidade, o inquisidor e os ordinários* (2013), a morte não é protagonista e não ocorre de forma material durante boa parte da narrativa.

Na obra abordada, esse processo universal ocorre de forma simbólica, trazendo uma ideia de uma morte social. Vale ressaltar que o símbolo “permanece tenazmente igual a si mesmo” (BENJAMIN, 1984, p. 205) e engloba elementos reconhecidos e explícitos, tendo seus significados mais facilmente assimilados pelo leitor. Desse modo, o símbolo “baixa no mundo físico, e pode ser visto, na imagem, em si mesmo, de forma imediata” (CREUZER apud BENJAMIN, 1984, p. 187). Além disso, o símbolo também tem como característica “torna[r] transparente algo que está para além de toda a expressão” (PEREIRA, 2017, p. 49) e representa “a ideia em sua forma sensível” (CREUZER apud BENJAMIN, 1984, p. 186).

Na narrativa, há três personagens que lideram uma inquisição que busca punir os “bobos”, termo utilizado para se referir aos que não cumprem seu “dever” social, que consiste em interagir com os outros, principalmente com os familiares, trabalhar, estudar, etc. Nesse caso, para o Decoroso, líder da inquisição, o oposto de “bobo” seria alguém útil e funcional, “(...) eu puno homens bobos (...) que rejeitam o bem viver. E o bem viver é tudo o que eu acho que seja bem e tudo o que eu acho que seja viver” (MELLO, 2013, p. 51). Além disso, cabe ainda registrar:

O bobo evita o convívio com os concidadãos; o bobo abandona o trabalho; abandona as amizades; o bobo deixa de frequentar, progressivamente, as festas e os almoços de família; o bobo não vai mais ao supermercado; ao açougue; à casa lotérica; não desce à portaria para ver se chegou correspondência; se as cartas lhe são entregues diretamente em sua residência, não abre os envelopes. Tudo o que o bobo come são enlatados antigos, as sobras de refeição de algum vizinho prestativo, a comida que eventualmente pede pelo telefone ou que algum raro parente visitante, condómo, resolve fazer. O bobo isola-se; isolando-se, passa a definhar. O definhamento torna-se uma íntima maneira de o bobo se consumir, e é com esse agressivo propósito que ele viola o acordo de unidade, pertencimento e preservação que assinamos todos nós ao nos tornarmos membros desta sociedade (...) O bobo é estúpido e assente que seja estúpido; desfaz-se dos laços filiais e não se torna genitor; não é credível e em nada crê. O modo de vida dos homens bobos afronta-me, mas não apenas a mim. Ele afronta os ordenamentos morais, os ordenamentos da razão e os propósitos de caráter (MELLO, 2013, p. 42 e 43).

Na obra, os “bobos” são punidos de forma em que devem ficar pendurados no topo de prédios, antenas, etc, extremamente altos, pois para o Decoroso, o modo de vida dessas pessoas é uma forma de negação de pertencimento para

com aquela sociedade, “desfazendo-se dos hábitos e normas que regulamentam uma civilização” (MELLO, 2013, 66). A condenação atribuída pelo Decoroso visa fazer com que o sujeito se reconecte com o seu entorno, ou seja, com as pessoas e com os espaços que cercam a cidade, “as calçadas, as janelas, os letreiros, os canteiros e todo tipo de gente que lá embaixo transita serão a extensão do que você, dependurado no alto dessa antena, se tornará de agora em diante” (MELLO, 2013, p. 66).

Nesse caso, acerca do aspecto da morte como simbólica e social dentro da narrativa, é importante dizer que “[a morte] enquanto símbolo, é o aspecto perecível e destrutível da existência [e] indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 337) e também que “no [sentido] negativo, representa a decomposição melancólica ou o fim de qualquer coisa determinada” (CIRLOT, 2001, p. 134, tradução nossa).

Em *A cidade, o inquisidor e os ordinários*, os “bobos” são tomados por uma espécie de apatia diante do ambiente, das pessoas e de si mesmo. Ao longo da narrativa, no entanto, fica claro que nem sempre foi assim, pois o Decoroso utiliza o termo “tornar-se”, e em determinado momento, ele relata que nesses seres brotou uma insatisfação e um cansaço que os fez abdicar da vida social e de seguir em conformidade com o padrão imposto por aquela sociedade: “é mais um homem insatisfeito com a já conhecida pequenez de ser um homem, e vai decidido a se tornar coisa pior, é mais um homem que resolveu desligar-se da vida social e investir nesse projeto desonrante de ser o que é” (MELLO, 2013, p. 437).

Outro aspecto que aparece frequentemente na obra é que em todos os encontros que o Decoroso tem com os “bobos”, esses sempre relatam o fato de estarem cansados. Essa ideia de cansaço é trazida por HAN (2015), que afirma que “o cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa (p. 40)”. Para além disso, HAN (2015) também defende que:

A sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade. Não são reações imunológicas que pressuporiam uma negatividade do outro imunológico. Ao contrário, são causadas por um excesso de positividade. O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma. O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando (HAN, 2015, p. 37).

Nesse sentido, é possível afirmar que os “bobos”, ao sofrerem essa espécie de morte social, tanto por se isolarem do resto do mundo quanto pelos castigos impostos pela inquisição vigente na cidade, estão sendo duplamente vítimas. No primeiro momento são vítimas de um sistema marcado pelo excesso de positividade que os adoeceu ao ponto de estarem inaptos de fazer qualquer coisa e, no segundo momento, são vítimas dos algozes da Inquisição que os perseguem para puni-los por já não serem vistos como úteis dentro dos ideais pregados por aquela sociedade.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que *A cidade, o inquisidor e os ordinários*, de Carlos de Brito e Mello, ao trazer uma ideia de morte social, abre margem para uma leitura

simbólica desse acontecimento, sendo possível traçar semelhanças entre o comportamento apresentado pelos intitulados "bobos" com os conceitos trazidos por HAN (2015) acerca do cansaço de esgotamento, causado pela positividade, que acomete as pessoas.

Para além disso, também é possível afirmar que os "bobos", vistos como um problema pelos líderes da Inquisição, na verdade ocupam o lugar de vítimas, pois foram vitimados por um sistema positivista e posteriormente, ao invés de serem auxiliados nesse momento vulnerável, são perseguidos e punidos por aqueles que ditam as leis da cidade fictícia, que facilmente poderia carregar a nomenclatura de qualquer cidade real, uma vez que o adoecimento da sociedade por conta do cansaço extremo provocado por uma política de positividade excessiva é, infelizmente, uma realidade imposta às pessoas na contemporaneidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- CIRLOT, Juan Eduardo. **A Dictionary of Symbols**. 2. ed. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1962.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MELLO, Carlos de Brito e. **A cidade, o inquisidor e os ordinários**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- PEREIRA, Marcelo de Andrade. Barroco, Símbolo e Alegoria em Walter Benjamin. **ANALECTA**, Paraná, v.8, n. 2, p. 47-54, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/viewArticle/1920>. Acesso em: 30 abr. 2024.